

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quas sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesias... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—*Carta Encyclica do Nosso Santissimo Padre Leão XIII sobre o patrocínio de S. José e da Sanctissima Virgem.*—**Secção Scientifica:** *A aposentação do clero parochial em face do direito canonico*, por F. A.—**Secção historica:** *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 37.º*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—**Secção critica:** *Eleições*, por E. I.; *Mais um documento a favor dos Jesuitas* por A. Moreira Bello; *Emigração*, por E. I.—**Secção Illustrada**, por R.—**Retrospecto da Quinzena**, por M. F.—**Bibliotheca Romantica**, 3.ª folha, *A Orphã*, versão de Mattos Ferreira.

Gravuras: *Cromwell; Pico de Teneriff.*



CROMWELL

CARTA ENCYCLICA

DO NOSSO SANTISSIMO PADRE

LEÃO XIII

SOBRE O PATROCINIO DE S. JOSÉ
E DA SANTISSIMA VIRGEM

LEÃO XIII, PAPA

*Veneraveis Irmãos, saude e benção
apostolica*

OM quanto muitas vezes já tenhamos ordenado se façam orações especiaes em todo o mundo, e sejam os interesses catholicos recommendados a Deus com maior instancia, ninguem com tudo se admirará que de presente julgemos opportuno inculcar de novo este mesmo dever.

Nas epochas de difficuldade e provação, mórmente quando ao *poder das trevas* parece outhorgada licença de tudo ousar para ruina da religião christã, sempre teve a Igreja costume de invocar, com mais fervor e perseverança, a Deus, sem auctor e defensor, valendo-se tambem da intercessão dos santos, e singularmente da da augusta Mãe de Deus — cujo patrocínio a Igreja crê de maior efficacia. Cedo ou tarde se manifestam os fructos d'estas piedosas supplicas e da confiança posta na divina misericórdia.

Ora, assás, veneraveis irmãos, vos são conhecidos os tempos em que vivemos: nada menos desastrosos correm elles para a religião christã, que os que do passado memoramos tão repletos de calamidades. N'um grande numero d'almas vemos extinguir-se a fé, principio de todas as virtudes christãs; esfriar a caridade; crescer a juventude na depravação dos costumes e das idéas; por todos os lados a Igreja de Jesus Christo atacada, astuta e violentavelmente; guerra sem treguas dirigida contra o soberano Pontificado; abalados os proprios fundamentos da religião com uma audacia cada vez maior. Inutil é pois dizer-se, por nimamente conhecido, o grau a que n'estes ultimos tempos se desceu, ou declararem-se os intuitos com que se trabalha.

N'uma situação tão difficil e desgraçada, são insufficientes os remedios humanos, e por unico recurso restanos implorar o valimento do poder divino.

Por isso julgamos um dever dirigirmos a piedade do povo christão, incitando-o a implorar com mais zelo e constancia o auxilio de Deus Omnipotente. Ao aproximar-se pois o mez d'outubro, que precedentemente prescrevemos fosse consagrado á Santissima Virgem Ma-

ria, sob a invocação de Nossa Senhora do *Rosario*, Nós vivamente exhortamos os fleis á pratica dos exercicios d'esse mez com a maior religião, piedade e assiduidade possiveis. Sabemos que a bondade maternal da Virgem é refugio prompto, e seguramente confiamos não seja em vão que n'ella depomos as nossas esperanças. Com vezes tem ella manifestado a sua assistencia nas criticas epochas do mundo christão: para que duvidar não renove hoje os exemplos de seu poder e patrocínio, se constantes e humildes orações lhe forem de toda a parte endereçadas? Mais ainda: cremos será sua intervenção tanto mais assombrosa, quanto por mais tempo ha querido deixar-se implorar.

Ha porém em Nós outro intento, o qual, veneraveis irmãos, segundo o vosso costume impulsioneis zelosamente. A fim de que Deus se mostre mais favoravel a nossas preces e, sendo numerosos os intercessores, venha mais prompta e largamente em soccorro da sua Igreja, julgamos utilissimo que o povo christão se habitue a invocar, com uma grande piedade e uma grande confiança, simultaneamente a Virgem Mãe de Deus, e seu castissimo Esposo, o bem-aventurado S. José, o que temos por certo ser, para a propria Virgem, agradavel e desejado.

Relativamente a esta devoção, da qual agora pela primeira vez salamos publicamente, sabemos sem duvida, que não sómente o povo é a ella propenso, mas que já está estabelecida e florescente. Com effeito o culto de S. José, que nos seculos passados os Pontifices romanos cuidaram pouco a pouco de desenvolver e propagar, tem-o Nós visto crescer e diffundir-se em nossa epocha, principalmente depois que Pio IX, de feliz memoria, Nosso predecessor, proclamou, a pedido d'um grande numero de bispos, o Santissimo Patriarcha padroeiro da Igreja catholica. No emtanto como é de tão alta importancia, que a veneração para com S. José se enraize nos costumes e instituições catholicas, queremos que o povo christão seja a isto incitado primeiro que tudo pela Nossa palavra e auctoridade.

As razões e motivos especiaes pelos quaes S. José é chamado o padroeiro da Igreja, e que fazem com que a Igreja espere muito, em compensação, de seu valimento, e patrocínio, são que José foi o esposo de Maria e foi reputado pae de Jesus Christo. D'ahi promanam a sua dignidade, o seu favor, a sua santidade, a sua gloria. Por certo tão elevada é a dignidade da Mãe de Deus, que nada pôde ser creado superior a ella. Comtudo, como José, pelo laço conjugal, foi unido á bem-aventurada Virgem, ninguem mais que elle se aproximou d'essa dignidade superemi-

nente, pela qual a Mãe de Deus excede d'um modo tão notavel ás demais naturezas creadas. O casamento é, effectivamente, a mais intima de todas as sociedades e uniões; produz, de sua natureza, a comunidade de bens entre os dois conjuges. Assim, dando Deus a José por esposo á Virgem, deu-lhe não sómente um companheiro da sua vida, uma testemunha da sua virgindade, um guarda da sua honra, mas ainda, em virtude do pacto conjugal, um participante da sua sublime dignidade.

Similhantermente, José brilha entre todos pela mais augusta dignidade, por que foi, pela vontade divina, o guarda do Filho de Deus, tido pelos homens como seu pae, d'onde resultava permanecer o Verbo de Deus sujeito humildemente a José, a quem obedecia e prestava aquelles serviços que os filhos soem prestar a seus paes.

D'esta dupla dignidade dimanavam de per si os encargos que a natureza impõe aos paes de familia, de maneira que José era o guarda, o administrador e defensor legitimo e natural da casa divina, cujo era chefe. Exercia de facto estes cargos e funcções por todo o decurso da vida mortal. Foi desvelado em proteger com soberano amor e sollicitude constante sua esposa e o divino infante; por seu trabalho ganhou regularmente o necessario á alimentação e vestuario de ambos; perservou da morte o menino ameaçado pela sanha d'um rei, procurando-lhe um refugio; nos incommodos das viagens e amarguras do exilio, foi constantemente o companheiro, o auxiliar e o sustentaculo da Virgem e de Jesus.

Ora, a divina casa governada por José, como com auctoridade paternal, continha as premissas da Igreja nascente. A Virgem, assim como era a Mãe de Jesus, era a mãe de todos os christãos, a quem no calvario perfílhou em meio dos tormentos supremos do Redemptor; Jesus era tambem como que o primogenito d'entre os christãos, feitos irmãos seus por adopção e redempção.

Taes as razões pelas quaes o bem-aventurado Patriarcha olha como entregues a si a multidão dos christãos que formam a Igreja, isto é, a immensa familia espalhada por toda a terra, sobre a qual, como esposo de Maria e pae de Jesus Christo, exerce uma como auctoridade paternal. E' pois mui natural e digno do bem-aventurado José que, assim como outr'ora supria a todas as necessidades da familia de Nazareth, e sanclamente a envolvia em sua protecção, cubra agora e defenda com seu patrocínio celestial a Igreja santa de Jesus Christo.

Sem custo comprehendéis, venera-

veis irmãos, que estas considerações são confirmadas pela opinião de muitos Padres da Igreja, á qual acquiesce a mesma liturgia sagrada, que o José dos antigos tempos, filho do patriarcha Jacob, foi a figura do nosso, e testemunhou por seu briho a grandeza do futuro guarda da divina familia.

E, com effeito, além de que o mesmo nome, não sem significação, foi dado a ambos, conheceis perfeitamente as semelhanças evidentes que existem entre elles: a que para logo resaha, é que o primeiro José obtem o favor de particular benevolencia de seu senhor, e, eleito por elle para administrador de sua casa, aconteceu que a prosperidade e a abundancia alluiram, graças a José, na casa de seu senhor; depois avulta esta mais importante semelhança que, por ordem do rei, presidiu José ao reino com um notavel poder, e, n'um tempo em que a escassez dos fructos e carestia dos viveres sobreveio, provem elle com tanta sabedoria ás necessidades dos egypcios e dos povos visinhos, que o rei decretou fosse José aclamado o *salvador do mundo*.

Assim é que no antigo patriarcha é permittido encontrar e reconhecer a figura do novo. Do mesmo modo que o primeiro fez fructificar e prosperar os interesses domesticos de seu senhor e em breve espaço prestou maravilhosos serviços a todo o reino, assim o segundo escolhido para guarda da religião christã, deve de ser considerado protector e defensor da Igreja—verdadeira casa do Senhor e de véras reino de Deus sobre a terra.

Razões ha para que os homens de todas as condições e de todos os paizes se recommendem e confiem á fé e guarda do bemaventurado José.

N'elle encontram os paes de familia a mais bella personificação da vigilancia e solitudine paternal; os esposos, um exemplo perfeito de amor, concordia e fidelidade conjugal; as virgens, um modelo e simultaneamente um protector da integridade virginal. De José aprendam os nobres de nascimento a conservar sua dignidade até no meio dos infortunios; comprehendam os ricos, pelas lições de José, quaes os bens que mais se devem desejar e adquirir á custa dos maiores esforços.

Quanto aos proletarios, aos operarios, ás pessoas de menor condição, pertencelhes um como direito especial de recorrer a José, que sendo de estirpe real, unido por casamento á mais excelsa e mais sancta das mulheres, tido como pae do Filho do Eterno, passa não obstante a sua vida no meio do trabalho, d'onde colhe tudo o que é necessario para o alimento de sua familia.

E' pois evidente que a condição dos humildes nada tem d'objecto, e não só

o trabalho do operario nada tem de indecoroso, mas, se a virtude o acompanha, pôde ser grandemente ennobrecida. Contento José com o pouco que possuia, supportava com grandeza d'alma as difficuldades inherentes a esta mediocridade de fortuna, á imitação de seu filho de adopção, que accetando a forma de escravo, elle o Senhor de todas as coisas, voluntariamente se sujeitou á indigencia e carencia de tudo.

Por meio d'estas considerações, devem os pobres, e todos os que vivem do trabalho de suas mãos, animar sua coragem e aferir pela rectidão o seu pensar. Se lhes assiste o direito de sahirem da pobreza e obterem por meios legitimos uma melhor posição, vedam-lhes a razão e a justiça perturbarem a ordem estabelecida pela providencia de Deus. Demais, o recurso á força, as tentativas pelo caminho de sedição e da violencia, são meios insensatos, que o mais das vezes agravam aquelles males que se intentavam extirpar. Se pois anhelam proceder avisadamente os pobres, jámais se flem nas promessas dos homens de desordem, mas no exemplo e patrocinio do bemaventurado José, e na caridade maternal da Igreja, cada dia mais cuidadosa do bem-estar d'elles.

E por tanto, veneraveis irmãos, esperando Nós muito de vossa auctoridade e zelo episcopal, e não duvidando que os bons e piedosos fieis façam de boa vontade ainda mais do que lhes fôr ordenado, determinamos que durante todo o mez d'outubro, se acrescente á recitação do Rosario, de que precedentemente nos occupamos, uma oração ao Patriarcha S. José, cuja formula vos será enviada ao mesmo tempo que esta carta; assim se fará todos os annos perpetuamente. Aos que recitarem devotamente essa oração, concedemos por cada vez uma indulgencia de sete annos e sete quarentenas.

E' uma pratica salutar e das mais louvaveis, estabelecida já em alguns paizes, consagrar o mez de março, por meio de exercicios quotidianos de piedade, em honra do sauto Patriarcha. Onde este uso se não possa facilmente estabelecer, é ao menos para desejar se celebre antes do dia da sua festa, um triduo de orações na igreja principal de cada logar.

N'aquelles sitios em que o dia dezenove de março, consagrado ao bemaventurado José não é festa de preceito, exhortamos os fieis a santificarem o mais possivel aquelle dia por piedade particular, como se fosse uma festa de preceito.

Entretanto, como presagio dos dons celestes e em prova de Nossa benevolencia, concedemos affectuosamente no Senhor a vós, veneraveis irmãos, ao

vosso clero e ao vosso povo a benção apostolica.

Dada em Roma, juncto de S. Pedro, a 15 d'agosto de 1889, anno doudecimo do nosso Pontificado,

Leão XIII, Papa.

ORAÇÃO A S. JOSÉ

Sob o golpe da tribulação a vós recorreremos, ó bemaventurado S. José. Depois de termos implorado o soccorro de vossa Esposa Santissima, impetramos cheios da maior confiança o vosso ineffavel auxilio. Pelo affecto que dedicais á Virgem santa, Mãe de Deus, e pelo amor paternal que depositais em Jesus Menino, ajudai-nos a entrar na posse d'aquella herança que para nós conquistara o Salvador á custa de seu sangue precioso; assisti-nos com vosso poder e patrocinio em nossas necessidades, ó guarda solícito da divina familia; protegei o povo eleito de Jesus; preservai-nos, amantissimo Pae, de toda a sombra de erro e corrupção; olhai-nos propiciamente do alto dos céos, ó poderosissimo libertador nosso; dai-nos assistencia firme no combate contra as potencias infernais, e defendei na hora presente a Igreja sancta das ciladas do inimigo e de toda a adversidade, com outr'ora salvastes da morte imminente a vida ameaçada do Infante Jesus. Concedei nos sempre vossa efficaç proteccção, para que fortalecidos como vossó exemplo e continuado soccorro, possamos viver santamente, obter uma boa morte e merecer sermos um dia participes da eterna bemaventurança. Amen.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O projecto da aposentação do clero parochial em face do direito canonico

(Continuado do n.º anterior)

III



sr. Beirão não contente ainda de calcar aos pés a legislação canonica no que respeita á perpetuidade dos beneficios ecclesiasticos, vai mais adeante, e calca-a igualmente a respeito das resignações dos mesmos. Demonstremol o.

Segundo a doutrina canonica, renuncia ou resignação de beneficio é—*«spontanea cessio seu demissio proprii beneficii facta ex aliqua justa causa coram legitimo superiore illam acceptante.»*

Ora, o sr. ministro subverte por con-

seguinte mais esta noção de resignação, benéfico no § 1.º do artigo 2.º, onde diz: «Se os parochos que estiverem nas circumstancias declaradas n'este artigo não solicitarem a aposentação, poderá o governo determinar a sobre parecer e proposta do Prelado da respectiva diocese»; e no artigo 10 onde se expressa nos seguintes termos:

«Quando o parochos aposentado se recuse a renunciar voluntariamente o seu beneficio, ou não possa por qual quer circumstancia verificar a resignação, o Prelado deocesano o removerá do exercicio do ministerio parochial e nomeará para o substituir um encomendado etc.»

A antithese entre a doutrina canonica e a do projecto d'aposentação do clero parochial é bem frizante.

A Igreja não admite as resignações dos beneficios ecclesiasticos senão sob estas tres condições: 1.º que seja livre—*spontanea cessio*; 2.º que haja uma causa justa que a legitime—*facta ex aliqua justa causa*; 3.º que seja accettata pelo legitimo superior—*coram legitimo superiore illum acceptante*.

Isto é o que determina a Igreja nas suas leis venerandas, (que mais abaixo citaremos); esta é a doutrina unanimemente ensinada por todos os canonistas.

E que faz o sr. ministro Beirão em frente d'esta legislação tão sabia e tão liberal, no genuino sentido da palavra?

Que faz?!... Faz, como quem é: liberal no nome, e despota cruel e inexoravel nas obras. Que faz? Passa um grosso traço de penna por cima d'esta legislação, que faz parte do corpo do direito canonico, e do alto da sua cathedra liberal ou pestilencial, propõe á synagoga parlamentar um projecto de lei, genuinamente liberal, por que tyrânico e despotico, em que declara, que é sua vontade soberana, que d'ora avante não devem as leis canonicas da Igreja regular as resignações benéficas em Portugal, e como *sumus pontifex* da religião do Estado, espera que o synhedrio faça uma lei especial a este respeito, que estatua precisamente o contrario!!!

Assim o quer, assim o manda o omnipotente ministro aos seus amoucos ministros, e elles por certo que assim o hão de executar, como filhos humildes e obedientes do supremo jerarcha da Igreja em Portugal, o papa Beirão. *Stat pro ratione voluntas*.

A Igreja, mãe benigna, respeita a liberdade dos seus funcionarios (vã lá a expressão) e os direitos adquiridos, e não só os não violenta a deixarem seus beneficios, quando não haja motivo canonico que a isso a obrigue, mas é sua vontade que n'elles permaneçam até á morte.

Até prohibe expressamente que peçam a resignação sem motivo justificado, e que os Prelados a aceitem.

E nas *Clem. 2. de pœnis* declara nullas todas as resignações que forem feitas com violencia. E quando forem feitas por medo ou fraude, apezar de serem validas, podem todavia rescindir-se por sentença do competente juiz ecclesiastico, como se declara no—*cap. 5. de Resignatione*.

Veja o sr. Beirão, como a Igreja sem ser nem se proclamar liberal, no sentido em que esta palavra é hoje vulgarmente entendida, respeita a liberdade dos que desempenham os officios que lhes encarrega. E o sr. Beirão no seu projecto leva o seu despotismo até ao ponto de obrigar por força a deixarem os seus beneficios os parochos que não solicitarem a aposentação, mesmo no caso de a não poderem verificar por *qualquer circumstancia!!!* (Veja-se o art. 10).

Mais ainda: arvora-se em auctoridade superior aos proprios Prelados, e impõe-lhes despoticamente a obrigação de os removerem do exercicio do ministerio parochial, e de nomearem encomendados para os substituir.

Sim, senhor, isto é que é ser liberal ás direitas.

Mas dir-se-ha que o sr. Beirão não vai, no seu projecto, de encontro á legislação canonica, a qual entre outras causas legitimas da resignação benéfico admite a debilidade ou imbecilidade de corpo, quer proveniente de doença, quer da velhice, e por consequente estam n'este caso os parochos que attingiram a longa idade de 75 annos, e os que, tendo 60 annos de idade, se acharem phisica e moralmente impossibilitados de continuarem nos seus beneficios.

Não é verdade que a velhice seja causa legitima para os ordinarios cederem a resignação, nem se pode admittir como regra geral, que um parochos, aos 75 annos de idade, esteja impossibilitado de administrar a sua parochia, principalmente se não tiver uma área muito vasta.

Ora, acontece encontrarem-se naturas robustas, mesmo aos 75 annos de idade, capazes de desempenharem regularmente os deveres parochiaes, e n'este caso a idade avançada não é, por si mesma, legitima causa canonica da resignação, como expressamente o declara o papa Innocencio III (*in cap. 10 de Resignatione*), onde diz: «*Nec tamen omnis debilitas corporis, sed illa solummodo, per quam impotens reddatur ad exequendum officium pastorale*».

Alexandre III regeitou o pedido de renuncia que lhe fez o bispo de Londres, e que era fundado em motivo de

velhice e respondendo-lhe a participar-lhe a recusa, dizia:

Quia in te rigor devotionis et fidei, etiam corpore senescente non defuit; sed vergente deorsum conditione corporea, fervor spiritus in sublimiora concendit. (*Cap. 7 de Resignatione*)

E nem se diga, que n'estes dois capitulos que temos citado, se tracta da resignação de bispos, e não de parochos, pois em direito canonico, tanto a estes como áquelles, exigem-se as mesmas causas canonicas para a legitimidade da resignação, se bem que para a resignação dos bispos é preciso que sejam em mais alto grau.

E com rasão a Igreja assim sabiamente o determina, pois um parochos, apezar dos seus annos avançados, sendo homem de sciencia e de virtude pode fazer grandes serviços a Deus e ás almas na sua parochia, pois a sua mesma idade, a sua longa experiencia, os seus bons exemplos, impõe-se ao respeito e veneração de todos, e se por ventura não pode com todo o serviço parochial, o prelado deocesano pode facultar-lhe um coadjutor, em conformidade com as disposições do direito canonico, (*cap. 3. de clerico aegrotante vel debilitato*), ao qual, sobejando-lhe os convenientes meios de subsistencia, dará a devida retribuição pelos seus trabalhos, ou não tendo para isto, o ordinario providenciará, impondo aos parochianos a obrigação de o remunerarem, como o dicitu a S. Congregação na causa *Novariensi e Cremonensi* (lib. III *Decret.*, pag. 35 e 40)

E bem cabida é a benignidade, que a Igreja dispensa aos parochos e benéficos velhos e enfermos; por quanto algumas vezes, como se exprime Innocencio III, a fraqueza do corpo augmenta a fortaleza do coração—*quia non unquam corporis infirmitas fortitudinem cordis augmentat*.

Diz S. Jeronimo, que o Apostolo S. João, já muito decrepito, não podia fazer largos discursos aos seus filhos em Jesus Christo, mas assim mesmo subia á sua cadeira evangelica, e lhes repetia contante e inalteravelmente as seguintes palavras: «*Meus filios amae-vos uns aos outros! Meus filios, amae-vos uns aos outros!*»

Estas palavras eram bem singelas; mas quantos fructos de benção e graças espirituas não derramaria a presença d'aquelle santissimo e venerando ancião sobre os que tinham a dita de o ver e ouvir?!

Nós chamamos a attenção dos nossos leitores, para que comparem bem o espirito de benignidade e até o respeito, com que a Igreja tracta os seus benéficos, quer gastos pela idade, quer debilitados e impotentes pelas suas doenças, com o rigor inexoravel do sr. Bei-

rão. Nem a estes nem aquelles ella obriga a deixarem os seus beneficios, apenas lhes concede a faculdade de resignarem livre e espontaneamente.

Antes, no cap. 1 de *clerico aegrotans vel debilitato*, prohibe terminantemente, que sejam privados dos seus beneficios.

O sr. Beirão não faz assim; mas como seu *posso, quero e mando*, ordena que sejam postos fóra das suas freguezias como se foram criminosos e infames, e aos bispos que ponham em seu lugar encommendados que façam as suas vezes, «mesmo que não possam verificar por qualquer circumstancia a sua aposentação.»

Os parochos e o clero que lhe agradeçam a *doçura e benignidade*, com que os tracta o ministro liberal, e em recompensa angariem muitos votos para os deputados ministeriaes, amigos politicos de tão *catholico e benemerito* ministro!

No artigo seguinte concluiremos.

F. A.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

37.º

(Vid. n.º 19)

LXXXVI

P. Pedro Cardeal Parmany

NASCEU este doutissimo jesuita na Hungria. no ultimo quartel do seculo XVI, e na sua mesma patria exerceu com muita reputação e fructo as funcções de missionario. Leopoldo Ranke, historiador protestante, fallecido em 1886, elogia muito este missionario jesuita por sua sciencia e eloquencia: elle converteu do lutheranismo à Igreja catholica cincoenta familias, entre as mais nobres da Hungria.

Nos principios do seculo XVII o protestantismo ameaçava invadir a Hungria, e, tendo fallecido o cardeal Fargaces, Arcebispo de Strigonia, o imperador Mathias e os grandes d'este reino pediram de commum accordo à Santa Sé que lhe desse por successor o Padre Parmany, pois que só elle poderia combater com successo o erro e conservar a fé no coração dos povos.

Nada, porem, podia mover o humilde jesuita a aceitar a dignidade archiepiscopal: foi necessario ordem expressa do Papa Paulo V.

Acceitou então contra a sua vontade,

e tambem contra a sua vontade foi elevado ao cardinalado, em 1629, por Urbano VIII, a pedido de Fernando II, imperador da Allemanha.

O cardeal Parmany pôde dizer-se o apostolo da Hungria: ao seu zelo, à sua doçura, affabilidade, talento, a todas as virtudes que constituem um verdadeiro Pastor catholico e que elle possuia em grau eminente, deve aquelle paiz, e principalmente a archidiocese de Strigonia, muitos monumentos piedosos, muitas reformas, leis, edificios, que sempre attestarão o seu memoravel episcopado.

O jesuita Parmany vivia na sua diocese como um simples religioso: as suas rendas eram destinadas a soccorrer os necessitados e a construir egrejas e outros estabelecimentos religiosos.

Morreu este santo Cardeal jesuita a 16 de março de 1637, deixando varias obras axeticas e polemicas, sermões e actos d'um concilio que celebrou em Strigonia.

LXXXVII

P. Luiz Patouillet

Ainda que geralmente pouco conhecido na republica litteraria, este jesuita merece ser mencionado, por tomar grande parte nas questões theologicas do seu tempo, e porque em verdade foi um homem notavel.

Luiz Patouillet nasceu em Dijon (França), no anno de 1699. Fez seus estudos no collegio da Companhia d'esta cidade, onde teve por professor em rhetorica o famoso e douto Padre Francisco Oudin que muito contribuiu a desenvolver os seus talentos.

Alleijando-se ao instituto de Santo Ignacio, tomou o habito, e em seguida ensinou philosophia em Laon. Distinguio-se pela eloquencia do pulpito, colhendo grande fructo com seus sermões, porque a sua sciencia corria parellhas com a sua virtude.

Em Nancy prégou varias vezes na presença de Estanislaw I, ex-rei da Polonia, principe esclarecido e profundamente catholico, e conseguiu a amizade d'este monarcha, e, depois de passar ainda alguns annos em Laon, retirou-se à casa professa de Paris, onde se occupou de escrever diversas obras, relativas aos negocios do tempo, sobre tudo em combater os jansenistas.

O P. Luiz Patouillet gosou da confiança de Christovão de Beaumont, Arcebispo de Paris, e do santo Bispo de Amiens, Orleans de la Motte, o que é sufficiente para demonstrar a sciencia e virtude d'este jesuita.

Viveu algum tempo na companhia do ultimo Prelado, e morreu em Avi-

nhão no anno de 1779, de idade avançada.

Deixou muitas obras historicas e apologeticas, que versam principalmente, como já dissemos, sobre as questões do tempo, contra os erros dos discipulos de Jansenio e de Quesnel. Algumas das suas obras foram publicadas sob o pseudonymo.

A mais notavel das suas produções é a *Vida de Pelagio*, famoso heresiarcha do seculo V. Ahí trata circumstanciadamente da historia do pelagianismo. É uma obra bem escripta, de vistas sabias e profundas, onde faz ver a tortuosidade e os artificios d'esta heresia.

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO POLITICA

Eleições



VISINHA-SE o acto importantissimo das eleições.

Ah! como estremece a mão d'um pae quando vai extrahir da urna o numero do sorteamento militar de seu filho! Pois mais devera tremer a mão do eleitor, ao lançar na urna os nomes dos eleitos para os cargos da gerencia publica!

Ouçamos Monsenhor Freppel, o heroico bispo d'Angers, o denodado paladino da camara franceza, que em tantas legislaturas ha sido leal e intrepido defensor da verdade. Diz elle, n'uma pastoral aos seus diocesanos:

«Entre os deveres da vida civil, nenhum ha mais importante que o exercicio do direito de suffragio. Escolher seus representantes para gerir os negocios da nação, quer nas camaras legislativas, quer nas assembléas districtaes, municipaes ou parochiaes, é um acto da maxima gravidade, considerado em si, ou em suas momentosas consequencias. D'elle promana a boa ordem entre os cidadãos, e por consequencia natural o progresso dos costumes e da mesma religião.

«Quaes são os principios que devem nortear o christão no exercicio do direito de suffragio? que norma de proceder convem adoptar para lhes permanecer fiel? Eis o assumpto sobre que vamos illucidal-o.

«A norma de proceder que se impõe ao christão, deriva naturalmente dos principios que temos exposto.

Desde que o leitor se constitue responsavel dos votos do eleito, em todos os actos em que este coopera, por effeito do mandato que lhe foi commettido, é de plena evidencia que nenhum

christão, sem attraçoar a consciencia, pôde eleger a quem está disposto a combatter a religião, ou se tenha assignalado por quaesquer actos hostis à Egreja.

«Não se tracta pois já de saber na pratica quem mais ou menos claramente manifesta o designio de deschristianisar o paiz, guerreando as doutrinas e instituições catholicas. Guarda avançada dos inimigos da Egreja, surge a maçonaria, que desencadeou ha mais d'um seculo sobre a nação a torrente dos males que a alligem. Sob a capa de beneficencias, que a ninguem hoje illude, tem por scopo principal aggreddir a fè catholica, se bem não haja até hoje conseguido quanto deseja.

«As ruinas que por toda a parte se offerecem a nossos olhos, são em sua maioria o producto da actividade maçonica. Objectivam o seu programma, artigo a artigo, pela condemnação de tudo quanto se enlaça com a religião, na eschola, no hospicio, no exercito, nas assembleias legislativas, em todas as instituições e estabelecimentos publicos. Não eliminou ella de todas as suas instituições, em 14 de setembro de 1877, «a existencia de Deus e a immortalidade da alma!» E desde então não cumpria formar a sociedade civil inteira mente à sua imagem e similhaça?

«ANTI-CHRISTIANISMO! Eis o fundo da maçonaria. Ha—com grande magua e surpresa o dizemos—ha christãos bastantemente cegos ou bastantemente largos de consciencia para darem seu voto a favor de homens que, uma vez admitidos aos cargos publicos, todo o seu empenho é posto em destruir a religião, levados de terriveis juramentos, feitos para assim procederem.

«Em verdade, irmãos carissimos, fôra difficil levar mais longe, n'este particular, o esquecimento dos deveres e a allucinação de espirito. Desde que a Egreja separou da sua communhão essa anti-religiosa seita, mostrou com assás clareza não ser permittido, sob nenhum pretexto e em nenhum caso, concorrer mediante o voto para se confiar qualquer mandato a algum membro d'ella. Pois tracta-se nada menos que d'um mal certo, d'um mal antecipadamente previsto, em face dos fins e compromissos assás conhecidos da nefanda maçonaria.

«Ha outra classe de homens que, supposto se não tenham siliado nas seitas condemnadas, timbram de livres-pensadores, não dando em seu modo de proceder um unico signal de religião. E haverá quem pense, que os interesses d'uma parochia, d'um municipio, d'um districto, d'uma nação, se encontram em boas mãos quando a ausencia completa de doutrina religiosa priva a

consciencia da luz e força que lhe são necessarias?

«Que grau de confiança poderá merecer, para a administração dos negocios publicos um homem incredulo, um sceptico, que, destituído do verdadeiro senso da vida humana, não sabendo a que ater-se no que mais lhe importa quanto à direcção de nossos actos, é, por isso mesmo, incapaz de comprehender o notavel influxo da religião sobre os actos da vida presente? Apenas chegue o momento de se resolverem as questões vitales da educação christã da infancia e da juventude, as questões do recrutamento do sacerdocio, da liberdade de cultos, da existencia das comunidades religiosas, ver se à inevitavelmente confundirem-se os votos dos livres-pensadores com o dos mações n'um mesmo sentimento de hostilidade contra a Egreja catholica.

«Ha mais de dez annos que somos testemunhas d'esta colligaçãol E a fonte do mal está em haverem-se, em vez de christãos, elegido incredulos e atheus para a gerencia dos interesses da nação. A fonte do mal está n'essa lamentavel aberração no exercicio do direito de suffragio, d'onde proveiu a lei da expulsão de milhares de religiosos de seus domicilios, contra toda a justiça, a lesão nas rendas de muitos ecclesiasticos pelos mais futeis motivos, o expulsamento das Irmãs hospitaleiras dos estabelecimentos de beneficencia com prejuizo dos miseros enfermos, e, o que mais de perto nos fere, a prohibição de ensino às congregações religiosas contra o voto formal de muitos municipios.»

Eis as palavras de Monsenhor Frepel. Pense-se pois na influencia momentosa d'um voto. A errada applicação d'elle não tem sido menos damninha a Portugal que à França, nem a influencia maçonica tem sido mais suave para comnosco. Não vai longe que na camera electiva se levantou uma voz a insultar dogmas sacratissimos da religião christã, e apenas duas frouxas vozes se ouviram dizendo quaesquer coisas em defesa. Mais tarde houve um vigoroso orador a pedir o restabelecimento das Ordens religiosas, e quatro votos apenas se uniram ao d'elle!!!

Aconteceria assim, havendo nas camaras representantes catholicos? Certo que não. Pensem pois os eleitores na seria responsabilidade que lhes pésa sobre os hombros; o voto dado a um homem, filho respeitador da Egreja, pôde e deve ser uma alavanca potente de edificação, dado porém a um inimigo da Egreja transformar-se à em camatello destruidor.

Sirva pois a amarga experiencia do passado de prudente elucidação para o futuro.

SECÇÃO CRITICA

Mais um documento a favor dos Jesuitas

EDITADO ha poucos mezes pela Livraria Catholica do sr. Manoel Malheiro, do Porto, publicou-se um livro precioso do abalizado escriptor o sr. João de Lemos, sob o titulo—*A Egreja Catholica e o seu clero regular e secular nas sciencias, nas lettras e nas artes*. Abundam n'esta magnifica obra as provas, das mais diferentes e insuspeitas origens, do sem-numero de varões celebres e distinctos em todos os ramos dos conhecimentos humanos, saídos do seio da Egreja Catholica, aliás accusada por ignorantes ou malevolos de foco de obscurantismo e estupidez. Como arma contra essas torpissimas accusações, e como illustração e desengano de duvidosos e illudidos, é sobremodo recommendavel a obra do illustre poeta e correctissimo e elegante prosador.

A esses numerosos e irrecusaveis documentos dos eminentes serviços prestados à humanidade, no campo das sciencias, lettras e artes, por homens da Egreja, vamos hoje ajuntar mais um, devido à penna de M. L. Simonin, na sua obra intitulada—*Le Monde Americain*,—em muitos pontos da qual o auctor trahe os seus sentimentos liberalescos e mais ou menos adversos ao Catholicismo. E' pois a verdade que lhe dicta as palavras que escreve, e devemos fazer justiça à sinceridade com que se lhe subnette, por isso mesmo que não é hoje em dia vulgar nos escriptores muito ou pouco anti-catholicos.

Diz, pois, o citado auctor francez a paginas 198 e seguintes da sua obra, de resto muito interessante e cheia de curiosas dados acerca da America do Norte:

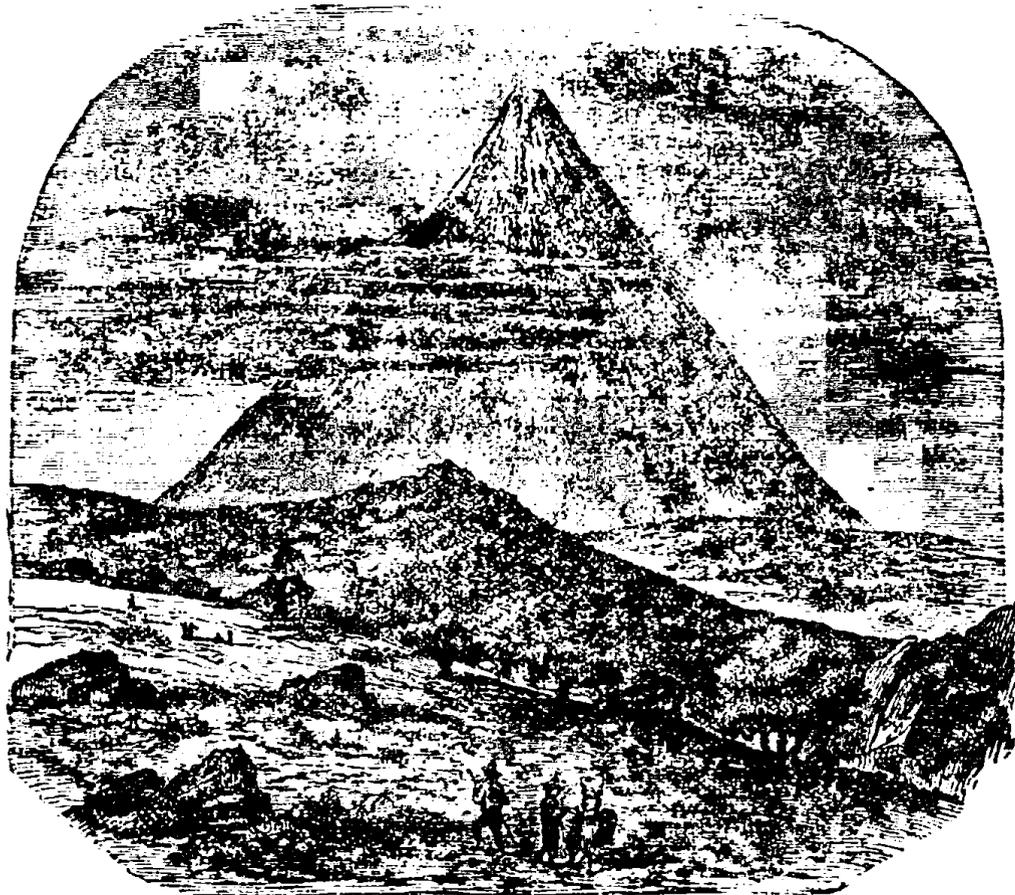
«A colonisação dos francezes no Canada, a um tempo commercial, militar e religiosa, era feita por negociantes, soldados e missionarios; o verdadeiro colono, o agricultor, estava então quasi ausente. Ultrapassando o limite attingido por Champlain, os negociantes eram os primeiros a saudar o lago Michigan no anno de 1620. Pouco tempo depois, o canadense Nicollet, caminhando sempre para oeste, chegava ao Mississippi; porem a caça, o trafico das pelles, e não as conquistas geographicas, eram o objecto principal d'esses corajosos exploradores. Se faziam alguma descoberta, tinham o interesse em occultal-a. Os soldados, acantonados na linha dos fortes estabelecidos contra os indios hostis, deviam cuidar antes em defender-se que em estender ao longe o campo das suas excursões. O mesmo não succedia com os missiona-

rios. Primeiro tinham apparecido os franciscanos, depois os jesuitas, chegados ao Canada em 1625, e que sem duvida procuravam alli uma compensação ao Japão, que acabavam de perder. Diligenciando uma coisa illusoria, a conversão dos indios (1), contribui-

Deram d'este modo sem disparar tiro a sua patria um dos mais bellos domínios de ultra-mar que ainda teve nação alguma, porem que a França não soube conservar.

«Os primeiros missionarios jesuitas cujo nome se pronuncia a respeito da

missão de Santa Maria, junto dos rapidos d'este nome. Partindo de Montréal apoz os caçadores, subiram o rio dos Ottawas, e chegaram à bahia de S. Jorge, no lago Huron. Alli, sempre navegando na canoa de cortiça pangaiada pelos indios, chegaram, depois de de-



O PICO DE TENERIFF

ram com a melhor parte para a extensão das colonias da França, e fizeram sommunicar verdadeiramente as possessões do S. Lourenço com as do Mississippi, e o Canada com a Luiziania.

(1) Não tam illusoria como se affigura ao auctor. Muito conseguiram os missionarios, se os deixassem proseguir em paz a sua obra, isto é, se os outros elementos da colonisação não viessem entorpecer ou annullar a acção do elemento religioso. Ainda assim, alguma coisa conseguiam, teem conseguido e continuam a conseguir os missionarios, não obstante os processos, (alguns mais barbaros e selvagens que os dos proprios indios) da civi-

lização dos colonisadores. Que não alcançaram os missionarios na America do Sul, com especialidade os jesuitas no Paraguay, n'aquellas celebres reduções, que arrancaram brados de admiração e ardentes elogios a publicistas das opiniões menos suspeitas? A civilisação leiga é que estragou tudo quanto podia entregar-se a todos os excessos, até ao

extremínio dos indios!

zesete dias de travessia, a uma aldeia de Chippeways, occupados na pesca do «peixe branco» nos rapidos. Receberam n'os os chefes cordialmente, e instaram para que ficassem no meio d'elles. «Sereis para nós irmãos, e escutaremos as vossas palavras», lhes disseram. Ao mesmo tempo, deram-lhes a entender que havia para a banda do oeste outro lago muito mais extenso: é o que mais tarde se chamou o Lago Superior. Para alem estavam vastas planicies onde viviam em liberdade o bisonte, o castor e o gamo, e que percorria a bellicosa e cruel nação dos Da-

kotas, que estavam com os Chippeways em estado de hostilidade permanente. Regressando a Québec, alli morria Raimbault em 1642, em resultado das fadigas e privações da sua ultima viagem. Jogues tentava voltar só à missão que fundara com elle no salto de Santa Maria. Queria tornar a ver os seus queridos «Saltões», tal é o nome que haviam dado aos indios estabelecidos ao pé d'aquelles rapidos. Em lugar de seguir as veredas conhecidas, tomou Jogues o caminho de S. Lourenço. Na margem do lago Erié, foi agarrado pelos Mohawks, que faziam parte da confederação iroqueza, e viu queimados vivos os Hurons que o escoltavam. Elle proprio não escapou a esse supplicio senão graças a resgate que pagaram generosamente por elle os hollandezes, que então colonisavam o alto do valle do Hudson nas visinhanças de Fort-Orange, chamado depois Albany.

«Dezoito annos depois da morte de Raimbault e da miraculosa libertação de Jogues, outro Jesuita, o padre Mesnard, deixa por seu turno a casa provincial de Québec, chega ao salto, penetra no Lago Superior, percorre-lhe a margem meridional, descobre a bahia e a peninsula de Keweenaw, e morre em 1661 procurando transpor a *portagem* ao sul d'esta peninsula. O padre Allouez seguiu de perto as pisadas de Mesnard. Em 1666, penetrava no Lago Superior, atravessava felizmente a *portagem* de Keweenaw, e d'alli, costeando sempre a riba meridional do lago, chegava ás ilhas dos Apostolos e à ponta do Espirito Santo, onde estabelecia uma missão, e por fim á extremidade occidental do Lago Superior, a que chamou «Fundo do Lago». Alli encontrou os Sioux, que lhe confirmaram a existencia do grande rio *Messepí*, já conhecido pelo caçador Nicolle, e em cujas margens pullulavam os castores.

«O caminho do Lago Superior estava já agora aberto. Em 1668 vieram os padres Dablon e Marquette, que traçaram a carta de todas as regiões recentemente exploradas. O padre Dablon regressou em breve a Québec, onde acabava de ser nomeado director da casa provincial da ordem, e Allouez voltou aos lagos. Era tempo para a França de tomar solemnemente posse das descobertas que acabava de fazer. Em 1671, no meio de immenso concurso de tribus convocados de todas as partes, se realizou, no salto de Santa Maria, uma cerimonia magestosa. O sr. de Saint-Lusson, delegado do governo do Canadá, mandou plantar uma cruz na collina que dominava a aldeia dos Chippeways; e ao lado, n'um poste de cedro, se pregou o escudo d'armas de França. A cruz foi benzida com todo o ceremonial usado em semelhante caso; entoa-

ram-se hymnos, orou-se pelo rei, e deram-se descargas de mosquetaria. Por fim, o padre Allouez dirigiu aos Pelles Vermelhas um florido discurso que o interprete, um velho negociante canadense, um «pau queimado», lhes ia traduzindo phrase por phrase. O poder e a gloria do grande chefe que mandava alem dos mares, e do qual os *sachems* presentes eram d'ahi avante vassallos, eram n'elle altamente celebrados. Esse discurso fez viva impressão nos indios, que deixaram a França proclamar-se senhora de todo aquelle paiz.

«Restava alcançar e explorar o Mississippi. Foi o padre Marquette quem teve essa gloria. Em 1673, attingiu o grande rio pelo oeste partindo do lago Michigan, como já tinha feito Nicolle. Era acompanhado d'um québecquez, o senhor de Jolliet, e de alguns selvagens fleis. Desceram juntos o rio em canôa por mais de 500 legoas a partir do confluente do Wisconsin até ao do Arkansas. Alli, repellidos pelos indigenas, certos porem de que o rio desembocava no golfo do Mexico e não no Pacifico, como a principio haviam pensado, arripiaram caminho. Era o mesmo rio que em 1541 o hespanhol Soto, em busca da mysteriosa fonte da Mocidade, que se dizia existir na America, descobrira e subira até junto do ponto em que os dois intrepididos exploradores tinham parado. Estes regressaram ao lago Michigan pelo rio dos Illinezes. Chegaram d'este modo ao sitio onde hoje está Chicago, cujo nome já apparece na sua carta. Jolliet tornou a partir para Québec, onde os sinos repicando saudaram a sua volta; Marquette ficou n'aquelle logar para catechisar os Miamies. A 18 de maio de 1675, estava a caminho para a missão de Santo Ignacio, estabelecida no ponto em que o lago Michigan, então lago dos Illinezes, se une ao lago Huron, quando morreu de repente. Algum tempo depois, morreu tambem o padre Allouez no meio dos Miamies. Tinha contribuido para traçar a carta do Lago Superior, e fôra o primeiro que fizera observar que este lago tinha a forma d'um arco arredondado, do qual a margem meridional formava a corda e a peninsula de Keweenaw a frecha. Esta carta, notavelmente exacta, foi gravada em Paris em 1672. N'um dos cantos superiores, á direita, estão gravadas em dois excudados dos collares de S. Miguel e do Espirito Santo, as armas de França e de Navarra.

«Uma serie de explorações tam valiosamente emprehendidas não podia abandonar-se. Em 1678, o padre Henepin chegava ás quedas do Niagara e mais tarde subia até ás nascentes do Mississippi. Em 1682, um ruanner, o

senhor Cavalier de la Salle, que já fôra o primeiro a saudar o Ohio doze annos antes, alcançava o Mississippi pelo rio dos Illinezes, e descia o grande rio até á foz. A' vista do golfo do Mexico, tomava solemnemente posse, em nome do rei de França, de todo o valle do Mississippi e dos seus alluentes. Baptisou esse valle com o nome geral de Luiziana em honra de Luiz XIV, e estendeu-se esta região, por ignorancia da geographia, até ao Oregon, nas praias do oceano Pacifico.

«La Salle não devia tornar a ver o Canadá. Enamorado das aventuras, ficara n'aquelles logares. Acabava de descobrir e explorar o Texas, quando foi assassinado pela sua gente no Mississippi em 1688. O padre Heunepin, que fôra addido à expedição como historiographo, voltou só a Québec. Eram fin-llos os tempos heroicos das explorações. Os viajantes que se seguiram, entre outros o barão de la Hontan, especie de aventureiro que ia publicar a relação das suas viagens na Hollanda e terminar os seus dias em Portugal, e o padre Charlevoix, que visitou a região dos lagos em 1721, nada nos dizem mais novo que o que disseram os padres jesuitas, verdadeiros descobridores dos grandes lagos e do Mississippi. Jam chegar breve os maus dias. A guerra de sete annos, que poz a França em lucta com a Inglaterra e nos foi tam fatal, teve sua repercussão na America, onde até talvez tivera origem. Em 1763, pelo tractado de Paris, abandonava Luiz XV o Canadá e os grandes lagos á Inglaterra. A França viu-se assim exilada d'aquellas provincias que só os seus corajosos filhos tinham até então percorrido, e onde por mais de dois seculos e meio, de Jacques Cartier (1535) ao marquez de Montcalm (1760), tremulara a bandeira das flores de liz. Como para encher a medida, o primeiro consul em 1803 vendia aos Estados Unidos a Luiziana por algumas dezenas de milhões, e desde então a influencia franceza eclipsava-se no continente da America do Norte.»

Pouco accrescentaremos, porque realmente pouco ha que accrescentar ás eloquentes linhas que ahi ficam trasladadas. Não deixaremos porem de fazer notar um facto importante, e tirem d'elle os sensatos leitores as illações que lhes parecerem naturaes e opportunas. Segundo a confissão franca de M. Simonin, *os jesuitas* «contribuiram com a melhor parte para a extensão das colonias de França», e «deram sem disparar tiro á sua patria um dos mais bellos dominios de ultra-mar que ainda teve nação alguma».

Pois bem: quem fez perder á França esse formosissimo dominio colonial, onde por mais de duzentos e cincoenta

annos tremulara a bandeira das flores de liz? O corrupto Luiz XV que, deixando-se dominar pela Pompadour, sua torpe favorita, e por Choiseul, amigo dos pseudo-philosophos, teve a triste gloria de abolir no seu reino o Instituto dos jesuitas; o sanguinario Napoleão, filho e representante da revolução, que teve a sacrilega audacia de encarcerar o Papa, de martyrisar um venerando Ancião, de pôr mão violenta no Ungido do Senhor!

Assim, o que conquistara á França a religião e a virtude, fez-lh'o perder a descrença e a revolução. E factos identicos não se dariam tambem em Hespanha e Portugal? Responda a historia fiel, que é pregoeira incorruptivel da verdade.

A. Moreira Bello.

Emigração

EMIGRAÇÃO é terrivel cancro das nações européas: França, Italia, Allemanha, Hespanha e Portugal, võem cada anno abandonarem nas um numero prodigioso de seus filhos, dando aos governos seriísimos cuidados. São maus filhos? Talvez. Mas a patria é para elles boa mãe? Administra *fielmente* a fazenda nacional para que não haja de contribuir excessivamente? E' equitativa na protecção ás classes sociaes, para que umas não absorvam ou assoberbem as demais? Persegue tenazmente as concussões no intuito de poupar o desalento aos subditos que succumbem quando *ab alto culmine ruit*? Dá protecção ellicaz á actividade da Igreja, cuja força moral é a mais suave e, simultaneamente, a mais energica para regular ambições e estimular enercias? Nada, absolutamente nada.

O eixo sobre que gira a magna machina governamental chama-se ELEIÇÃO: uns partidos conquistam o bastão, outro defende-o. Eis a guerra titanica ha tanto tempo, occupando os talentos de gregos e troyanos. Abra-se a llistoria Contemporanea, e digam nos se esta lucta perenne entre irmão e irmão, entre visinho e visinho, não é o labeo mais tetrico manchando os feitos nobres d'um povo, sem esperanças de sair-se do muladar onde ha tanto chafurdam talentos, que, dignamente occupados, foram grande impulso á industria, ás letras, ás sciencias, á patria emfim. Todo este mal, esta infermidade enorme, a que se não descobrem longes de melhora, produz inquietação nos povos, que, por a não soffrerem, trocam a mãe-patria, que se lhes faz madrastra,

pelas regiões desconhecidas de remotos paizes.

A cada passo, os liberaes, na apothese d'algun mição, clamam com stentoricos pulmões, que a era das bem-aventuranças terrenas soou d'um a outro confim da patria, desde que haqueou o antigo regimen e no logar d'elle se elevou a obra da regeneração hodierna, filha unigenita dos principios de oitenta e nove. Farçantes! Se destes o bem aos vossos concidadãos, por que se não tranquillizam elles? porque tanto lamuriar por toda a parte? por que tanto suicidio nas classes altas e baixas? porque tanta emigração para longe da terra sombreada hoje pela arvore da liberdade?

E' que a arvore que plantastes, ó heróes, não foi o louro entorno do qual se assenta o menestrel a tanger as cordas alinhadas de sua lyra d'ouro, ou repousa o épico decantando em harmonias divinas as glorias nacionaes; não foi o carvalho que se oppõe ás violencias do tufão e cuja fronde cinge a cabeça veneranda dos defensores da patria; não foi a viridente oliveira, symbolo da paz, a cuja sombra abençoada a agricultura se desenvolve, as artes se aperfeçoam, o commercio se estende, as letras florescem e as sciencias locupletam-se na conquista de provincias ainda não conhecidas; nem foi tão pouco o sycomoro generoso do deserto, que inclina lenta e graciosamente os sombrios ramos, formando tenda hospitaleira ao viajante fatigado. Foi, sim, a acacia esteril, cuja sombra damnifica, ericada de puas agudissimas, dilaceradoras das carnes palpitantes de quem as toca.

Por isso a liberdade que nos trouxestes, a ninguem contenta, a ninguem alegre, a ninguem produz um momento de felicidade, e aquellos que supplicis engodar com ella, deixam-na, aos milhares, sem que as odiosas leis de repressão tenham força sufficiente para os deter nos ambitos da patria. Estude embora a sociedade de Barcelona, o projecto de repovoar as regiões que dia a dia se fazem mais desertas, não vingará sustar a leva sempre crescente de emigrantes, pois em face das discenções que a toda a parte levou uma politica intolleravel, creem elles mais aceitaveis os riscos de se exporem a climas novos, que as torpesas da patria, onde se criam empregos para anichar afilhados e se distribuem não a quem seja mais idoneo, mas a quem melhor empenho exhiba, onde a acção do bem é de continuo tolhida pelo bafo pestillencial d'uns governos impios e o influxo do mal encontra alentos novas cathedras de ensino, no exemplo damninho dos que mandam, na torpeza dos que julgam e sentenciam.

Não fallamos na lua: se amontoarmos aqui factos productores das illações que vimos de expor, elevariamos cumulos, montanhas verdadeiramente cyclopicas. Cada leitor olhe á direita e á esquerda, e verá elementos em demasia d'esta miseravel situação. Caem a moralidade, porque o Estado, garantia necessaria da acção da Igreja, converteu-se em negreiro deshumano d'ella. Sem moralidade como se hade governar um povo, como?

Baldadamente appellam os politicos (os *impolíticos* deveramos dizer) para os trabalhos moraes de Spencer, Caro, Damiron, Jouffroy e outros. Não teem feição para Messias esses cultores falsarios da moral.

Quem ha que até hoje tomasse a serio os preceitos emitidos por taes pseudo-reformadores sociaes? Ninguem; que a lei, para ser cumprida, ha de o mesmo legislador sujeitar-se a ella, exemplificando a por sua norma de proceder, e moralistas de que tal estofa são os primeiros a rir d'aquellas doutrinas com que suppõem illudir ignaros.

O povo, esbulhado pelas crispadas mãos do fisco, apavorado pela sombra caliginosa da enorme divida nacional, (1) sem futuro que o tranquillize, demanda em terras extranhas o que lhes nega a sua. O Brazil, Sandwich e Demerara, recebem cada anno muitos milhares de portuguezes, validos quasi todos, que tanto bem podiam fazer aqui, ou nas colonias, mas incessantemente acossados pelas extorsões d'uns governos que os tyrannisam e depauperam, antepõem o negro pão do exilio áquelle que lhes offerece a patria. *Melior est buccella sicca cum gaudio quam domus plena victimis cum Jurgio.*

E. I.

(1) Só a divida flutuante, cuja nota ha pouco veio a lume, monta a quasi quinze mil contos!!! E no entanto lá andam pela exposição de Paris DUZENTOS commissarios do governo, subvencionados com a bagatella de 3 libras diarias a cada um, sem falar das larguezas epicamente sacaudalosas, apontadas em nosso artigo de 15 de julho ultimo. Todos estes deploraveis symptomas levam-nos a diagnosticar que a patria, analogamente ás demais nações que se extinguiram, desce em rapidos vertiginosa sobre o abysmo de sua final ruina.

Em Huesca formam-se *meetings*, combinando-se os contribuintes em não pagarem nenhum genero de contribuições, em vista das precarias circumstançoes em que se võem.

Não virá longe o dia em que Portugal proceda de igual modo. O povo não pôde, não deve pagar tanto: a agricultura vê-se entre dois circulos de ferro—o augmento de salarios proveniente da escassez de braços e o *arresto* indefenido das contribuições do estado, do districto, do municipio, da parochia, e esta situação deploravel não pode conservar-se por muito tempo.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Cromwell

(Vid. p. 249)



LIVEIRO Cromwell nasceu em Huntingdon, (Inglaterra), em 1599, d'uma nobre familia provincial, quando o protestantismo, implantado pelo «mais vil e mais sanguinario dos tyrannos» no dizer de William Cobbett, tinha alastrado a Inglaterra de victimas, e dado veneraveis martyres à Igreja. Gemia o catholicismo debaixo da mais cruel oppressão, fortalecida pelas varias seitas que então retalhavam o povo inglez, as quaes umas ás outras simultaneamente se hostilizavam. Naquelle confuso cahos de paixões e idéas, a posição do rei Carlos I era sobremodo precaria, mortalmente quando sua perplexidade natural lhe alheou o affecto dos subditos, desnorteados por tão encontradas opiniões. Sentia-se em tudo e em todos o mal-estar, a incerteza, a desconfiança, o temor, fructos naturaes das doutrinas subversivas. Henrique VIII retirou ao throno o amparo de Roma, e o throno ameaçava agora ruina sob o peso d'um de seus descendentes. As discensões entre o povo manifestaram-se entre os membros das camaras, soando para o rei a hora das concessões, de modo que ao odio votado a Carlos tyranno uniu-se o desprezo a Carlos covarde.

Rompida a paz entre o imperante e o povo, Cromwell, à frente de mil cavalleiros, denominados os *irmãos vermelhos*, via augmentar seu prestigio, que habilmente aproveitava em beneficio de sua ambição de dominar, tornando-se chefe do forte partido dos *independentes*, que tamanho peso lançaram na balança da politica ingleza. As batalhas de Marston-Moor (1644) e Naseby (1645), que o elevaram a tenente-general, começaram a assustar o parlamento e os presbyterianos, que tomando-o por auxiliar, viam-no converter-se em dominador.

Mandou prender o rei e à frente de seus *independentes* marchou sobre Londres, conscio de que *se tinha o rei na mão, tinha o parlamento na algibeira*. Para logo formou designio de fazer decapitar o rei, meio facil de se desquitar de tão incommodo prisioneiro. «No paiz do jury, diz Cantu, teve o rei de se ver privado de jury, comparecendo para ser julgado perante uma commissão especial, de que faziam parte Cromwell e Ireton, seu genro, com outros *Samoéis* e *Gedeões* encarregada de julgar o grande *Barrabds*.

Conduzido Carlos à presença dos commissarios, recusou-se constantemente

a responder. Cromwell assignou a sentença de morte, e, gracejando, com a mesma penna de que acabara de se servir, sujou de tinta o rosto de Henri Martyn, que lhe correspondeu do mesmo modo. No meio d'estas jogralidades, e tomando até a mão d'alguns, fez assignar a condemnação por cincoenta e nove de seus collegas. Ao sair, foi o rei acolhido pelas vociferações de seus soldados, a quem tinham pago previamente. *Os miseraveis*, disse elle, *por uma pequena quantia tractariam do mesmo modo os seus chefes.*

(Continua em o n.º seguinte)

R.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Noticias de Roma.—Egual pressão continúa angustiando o Veneravel Pontífice, e mais uma ordem, transmittida ás diversas repartições da administração interna do Vaticano, nos vem significar a aneosa expectativa em que se encontra o Pae commum dos fieis. Os chefes d'essas repartições tractam presentemente de elaborar um inventario minucioso dos varios objectos que nas mesmas existam, para, dada a eventualidade de sair de Roma Sua Sanctidade, ser depositado em poder do corpo diplomatico creditado juncto da Sancta Sé. Os receios são pois permanentes e cada vez mais intensos, havendo muito para temer não traga esta situação desesperada as terriveis consequencias que tanto enluctaram a Igreja com a eleição de Gregorio XI. Deus proteja o seu povo.

Em Turim, Roma, e outras cidades italianas, lavra grande pavor pela suspensão de pagamentos nos bancos Tiberino, Esquilino e do Desconto. O governo envia todos os esforços por habilitar os bancos a fazerem face a seus compromissos, e para isso cuida em obter na Allemanha um emprestimo importante. Este estado de coisas, tão pouco lisongeiro para a Italia *una*, deixa perceber que a posse de Roma lhe não foi ensejo de propriedade.

Lourdes.—Lourdes hontem, Lourdes hoje, Lourdes sempre. E' para nós obrigação imprescriptivel archivar as glorias de Maria, onde quer que ellas se manifestem, e a pequenina cidade dos Pyreneus renova no seculo actual as maravilhas da humilde mas priveligiada povoaçãozinha da Galilea, assente ás margens do Cison e do Tabor.

Ha pois sempre que narrar d'esta segunda patria da Rainha dos céos.

Todos os annos, cerca de um milhar de enfermos acodem a Lourdes, por 20,

21 e 22 de agosto, vindos de todos os pontos da França, ao que chamam Peregrinação nacional, mais concorrida este anno, pois contava mil e cem enfermos. Uma Associação de senhoras, outra de homens, designadas pelo nome de *Hospitalidades*, nas quaes andam inscriptas as pessoas mais gradas da França, providenciavam sobre o modo de adquirir recursos para os enfermos pobres, acompanham-nos durante a viagem e no tempo de demora em Lourdes, prestando *lhes pessoalmente* quantos serviços *lhes sejam* necessarios. Não sabemos, se é mais commovedor contemplar a fé com que o inferno implora o milagre, se a dedicação altamente caritativa de damas delicadas, nascidas no apogeu da grandeza, sollicitas a transportar em seus braços os corpos doloridos das paralyticas.

«Nenhuma ambulancia, diz o *Journal de Lourdes*, reuniu jámais um tal especimen de enfermidades humanas como esta Peregrinação nacional. O presidente do conselho das peregrinações, o visconde de Damas, acompanhou pessoalmente este bando numeroso de infelizes.

«Chegados à estação, graças ao zelo admiravel dos Associados a que acima nos referimos, em breve foi cada enfermo transportado ao domicilio que lhe estava preparado, e para logo se deu principio aos exercicios do dia, cujo centro de acção n'esta epocha costuma ser a Grutta e as piscinas. Oito ou dez mil peregrinos allí se vêem congregados, de pé ou de joelhos, guardando um recolhimento jámais n'outra parte visto, e dando todas as formas ás suas fervorosas supplicas: ora-se com os braços em cruz, os joelhos no pó ou na lama, n'uma jaculatoria continuada, n'um grito de amor permanente, em invocações vehementes, ou em canticos de enthusiasmo.

«Os Associados com, as correias do serviço pendentes dos hombros, vão e veem, transportando as macas ou impellindo os carrinhos em que os doentes são levados d'um para outro lugar.

«Nas piscinas de banho, Associados e Associadas mergulham os pacientes na agua miraculosa. Donzellas, de avental branco, apressam-se agilmente a offerecer a este ou áquelle o copo da agua benedicta; damas distinctas, Irmãs oblatas da Assumpção, prodigalissimamente os mais estremosos cuidados. O' caridade! a terra não podia produzir-te; era mister que o céu te enviasse aqui para nos consolares em nosso exilio!

«Em face d'este fervor de oração e acção, não podia a Virgem Sancta deixar de sorrir ao seu povo: uma mulher, ha 8 annos preza ao seu leito de dores,

fôra durante a viagem objecto de serias inquietações. Em Angouleme, 80 leguas de Lourdes, houve que ministrar-se-lhe os ultimos sacramentos, pelo estado de abatimento em que se achava. E eis-a que sai agora rejuvenescida da agua sancta, sentindo todos os seus membros pujantes de saude e vigor! Desprovida de calçado e sem animo para retardar um minuto seu agradecimento A'quella que é cheia de graça, vai, ajoelhar-se deante da Gruta. Oh! que celestial expansão d'alma ao entoar-se o primeiro *Magnificat*, que não tardou em ser acompanhado de varios outros.»

O *Journal* continua referindo-se aos milagres obtidos anno passado durante a proccissão do Sanctissimo Sacramento e diz:

«A's quatro e meia da tarde (do dia 20 d'agosto) saí da Basilica Jesus Sacramentado, precedido de mil sacerdotes e innumeraveis fleis. Por entre a multidão são distribuidas folhas impressas com as acclamações com que o povo da Judéa saudava o Salvador em sua vida terrena.

«Depois da benção dada na Grutta, emtanto que Monsenhor Berchialla levava a sagrada custodia para onde estavam os doentes, no meio de invocações fervorosas ouvia-se: *Hosanna ao Filho de David! Senhor, se vós quizerdes poder-nos-eis curar! Senhor salvai-nos!*

«N'este momento levantou-se um immenso clamor! Um homem, de 49 annos, por largo tempo tractado inutilmente nos hospitaes de Paris, soergue-se do leito em que jazia, e sente-se completamente curado. Outros doentes, estimulados por igual confiança, imitam-lhe o exemplo. Salvas de applausos e vozes entusiasticas saudaram estes admiraveis prodigios. De todas as partes se precipitava a multidão, ancoosa de ver com seus olhos os miraculados.»

Gloria, gloria pois a Maria Immaculada, a quem os fleis tributavam sua gratidão, clamando: *O clemens, o pia, o dulcis Virgo Maria!*

Em os n.ºs seguintes do *Progresso Catholico* continuaremos a incluir maravilhas de Lourdes realisadas nos dias 21 e 22.

O gran-turco e o Pontífice romano.—Jamais pôte alguém receber mais doloroso golpe que o desferido pelo braço d'um filho. Da Igreja são filhas as nações da Europa, que as constituiu e ro busteceu com a força emanada da lei sancta do Evangelho. «Não para os romanos corrompidos, mas para os selvagens septemtrionaes, era o christianismo.» Os filhos porém, para vergonha sua, degeneraram, e são extranhos que affluem a dar preito a quem jamais os filhos o deveriam negar.

O governo othomano mandou publicar em todos os periodicos turcos o documento seguinte:

«Considerando que o periodico *Arvevk*, nos artigos concernentes a questões religiosas, se tem servido de termos injuriosos a sua Santidade o Papa;

«Considerando que por varias vezes hemos advertido o director d'esse periodico de quanto mal procede na inserção de artigos de similhante natureza;

«O periodico *Arvevk* será suspenso em caso de reincidencia, sendo esta a ultima prevenção que lhe é enviada.»

A criminalidade augmenta.—São a todo os louvaminheiros da civilização moderna, sem se lembrarem que as estatísticas da criminalidade, com o augmento irresponsivel dos algarismos, lhes desmente categoricamente as affirmações. Nunca existiu policia tão numerosa, e não sabemos para que serve, visto darem-se os crimes diariamente nas barbas policiaes e acompanhados, dia para dia, de mais terriveis circumstancias. Lemos na *Integridad*:

«Em Reus um desalmado, auxiliado por sua esposa, bateu cruamente em seu proprio pae, um velho de 70 annos, caninhando após esta acção infame mui tranquillamente para o seu trabalho. O anção, despeitado, foi comprar uma pistola, e dirigindo se para onde o filho trabalhava, descarregou dois tiros contra elle, atravessando-lhe com um dos projectis o braço direito.»

Foi isto em Hespanha. Mas como de eguaes principios eguaes consequencias, também em Portugal ha gente para tanto.

O *Illustrado* de 16 de agosto narra o seguinte:

«No dia dois d'este mez deu-se na povoação de Travasso um facto horroroso. Vivia alli com suas filhas, Maria e Thereza, Antonio Francisco d'Oliveira, que tem poucos bens, mas que vivia fartamente pelo auxilio que do Brazil lhe enviam tres filhos. Aquellas duas raparigas n'aquelle dia maltractaram cruelmente seu proprio pae deitando-lhe as mãos ao pescoço e obrigando o pobre velho a pedir soccorro. Depois, levaram quasi tudo que havia em casa, dinheiro, mobilia, gados e roupa.»

Feixe de noticias.—Da congregação das Missões Extranjeiras partiram para o extremo Oriente nove missionarios em 7 d'agosto ultimo: 2 vão para a Conchinchina oriental, 1 para a septentrional, 1 para o Japão, 1 para a Corea, 1 para a Mandchuria, e 3 para o Tong King. Quaes as riquezas que os

atrahem? O sacrificio por Jesus Christo, a morte talvez entre os horrores do martyrio, garantia mais segura das bemaventuranças eternas, prova irrefragavel de que só a religião catholica é a verdadeira, por só ella induzir em todos os tempos a tão elevada abnegação um incomputavel numero de almas generosas.—Archivemos, que vale a pena, e pode servir de exemplo ás auctoridades portuguezas: «D. Arthur Perez Marron—lê se em edital affixado nos logares publicos de Zamora—Alcaide substituto d'esta cidade, e alcaide interino da mesma; Considerando que a *blasphemia*, alem de ser locução injuriosa contra Deus e os seus Santos, é offensiva da sã moral e bons costumes d'um povo culto, denotaria rebaiamento nos caracteres, se não se procurasse quanto possivel destruir tão lamentavel e pernicioso vicio, não arraigado ainda por fortuna na grande maioria dos religiosos zamoranos, hei por bem, como medida de ordem e bom governo, dispor que quem publicamente blaspheme e dê escandalo com palavras e acções deshonestas, obsenas e immoraes, seja castigado, consoante os casos, com a multa de 10 a 50 pesetas, não exceptuando os que se encontrem em estado de embriaguez, sendo immediatamente presos pelos agentes policiaes e enviados á cadeia. Zamora, 5 d'agosto, etc.—A um parcho da diocese de Valencia foi entregue, sob segredo de confissão, a quantia de 2:000 pesetas (i. é, 360\$000 reis) para que fosse restituído a seus legitimos donos. E' certo pois que a confissão é util e apenas a combatem os que desejam morrer impenitentes.—Uma finura que deu para pouco: Em Londres, o editor Vizetelly foi condemnado a destruir uma edição das obras torpemente infames de Emilio Zola, prestando para garantia da execução da sentença uma fiança de 200 libras esterlinas. O homeminho julgou safar-se de embarços com eliminar tão sómente as passagens mais cinicas e pornographicas. Suiu-lhe porém gorada a astucia: denunciado de novo, perdeu as 200 libras e em premio da cavalheirosa esperteza aguentou com tres mezes de cadeia. E' fanatismo das leis inglezas, não é, sr. Jornal de Noticias, que se não corre de annunciar os aromas amoniacaes da *Bibliotheca reservada?*—Consolemo nos: as mais recentes estatísticas consignam existirem em todo o mundo 229 milhões de catholicos; 131 milhões de protestantes; 88 de gregos; 8 d'outros scismas diversos; 8 de judeus; e 100 milhões de varios infleis, como budhistas, mahometanos, etc., etc. Cresce pois continuamente a religião catholica, a unica verdadeira, comprovada, como diz o Sancto Padre Leão XIII na sua

Encyclica *Immortale Dei*, por milagres, prophcias, celeridade prodigiosa de sua propagação, até entre inimigos e a despeito dos maiores obstaculos, pelo testemunho dos martyres e muitos outros argumentos.—Uma pequenina noticia de importantissimo valôr: No dia 19 d'agosto, s. ex.^a rev.^{ma} o sr. Arcebispo de Larissa começou em seu seminario os exercicios espirituaes, acompanhado de grande numero de sacerdotes. Ha pouco disse o nosso Sancto Padre o Papa Leão XIII a um eximio prelado francez, que os exercicios espirituaes eram a *única força* capaz de rebater as torrente da iniquidades modernas. O nobre antistite que hoje preside á diocese de Lamego faz honra ás palavras do Soberano Pontifice.—A Ordem Terceira de S. Francisco enumera em seu seio grande numero de pessoas reaes, e ainda nos tempos correntes tem exemplo d'este apreciavel condão. Em maio ultimo foi sepultada com o habito da Ordem Terceira da Penitencia, a rainha Maria da Baviera, filha de Frederico da Prussia e sobrinha do imperador da Allemanha Guilherme I. Tinha-se convertido ao catholicismo em 1874, facto que o sr. Martins de Carvalho não archivou ainda nas suas collecções.—O *Jornal da Manhã* publicara ha tempos um artigo primoroso em honra do padre Damião, (*frade*), o martyr de abnegação das ilhas de Sandwich, e lastimava só houvesse Irmãs de caridade que o fosse substituir. Não era assim. O padre Damião tinha já consigo um companheiro, (outro *frade*), o padre Conzardi; (1) e ha pouco, o Vigario Apostolico das ilhas mencionadas, carecendo de religiosos para o hospital de leprosos, acabado de construir a expensas d'um capitalista protestante (que todavia só queria religiosos catholicos a administrarem o hospital) consultou os frades franciscanos do seu vicariato, sobre quaes acceitariam o encargo, ao que todos responderam *una voce* que todos desejavam ir, *por que a sua hegra os obrigava á obediencia*. Ora eis ali o segredo do tão vulgar heroismo entre membros das Ordens religiosas, por cujo motivo onde se exija sacrificio e dedicação ninguem pode com elles entrar em competencia. Demais, uma religiosa franciscana percorre actualmente os conventos da sua ordem, nos Estados-Unidos, convidando cooperatoras na assistencia aos leprosos das ilhas inficcionadas, e é de esperar seja numeroso o recrutamento que faz. Vê-se pois como a divina Providencia se apressa a coroar a obra cuja dedicação custou a vida ao heroico Padre Damião.

M. F.

(1) Atacado a estas horas do terrivel mal que victimou o Padre Damião.

ANNUNCIOS

Vida e canticos
de S. Francisco d'Assis
Preço 400 reis

Novena
de S. Francisco d'Assis
Preço 100 reis

Editor, Rev. David Lopes dos Santos Valente.

Estes dois interessantes volumes, cujo producto liquido é destinado á fundação d'um convento de Carmelitas descalças em Portugal, merecem a attenção dos catholicos portuguezes por sua interessante doutrina e mais ainda pelo elevado destino a que está consagrada a receita por elles produzida.

Pedidos com a respectiva importancia aos successores de Teixeira de Freitas—Guimarães.

Affirmações catholicas

CONTRA

OS ERROS D'UM APOSTATA

PELO

DR. LUIZ MARIA DA SILVA RAMOS

Lente de Vespera da Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra

Preço 400 reis

Acaba de sahir á luz, esta interessantissima publicação, e encontra-se á venda na Typographia-Editora da «Or-Reflexões christãs para todos os dias do dem», devendo todos os pedidos ser dirigidos ao seu proprietario—José Joaquim dos Reis Leitão, rua do Norte, 6—Coimbra.

Editor — José Fructuoso da Fonseca

VIDA POPULAR

DE

S. VICENTE DE PAULO

PELO

PADRE BERBIGUIER

COSEGO HONORARIO DE BORDEUS E ARCYPRENTE DE LIBORNO

Seguida d'uma breve noticia sobre o principio da Congregação da Missão em Portugal e da Novena e Ladainha do Santo

Traduzida do francez por M. FONSECA

OFFERECIDA E DEDICADA AO EX.^{mo} E REV.^{mo}

MONSENHOR VICENTE VANNUPELLI

*Arcebispo de Sardia**Dignissimo Nuncio Apostolico em Lisboa*

Com approvação do Eminentissimo Senhor Cardinal

BISPO DO PORTO

OBRA ILLUSTRADA COM O RETRATO DO SANTO

Preço 400

A' VENDA:—Em Guimarães—Na livreria dos successores de Teixeira de Freitas, rua de S. Damazo.

PUBLICAÇÃO OPPORTUNISSIMA

O hypnotismo outra vez em moda

Historia e discussão scientifica

PELO

P. JOAO JOSE FRANCO, S. J.

Vertido livremente da traducção franceza de

A. DE VILLIERS DE L'ISLE-ADAM

POR

Manuel Maria Fructuoso

Editor—DR. JOSE RODRIGUES COSGAYA

Um bello volume. . 400 reis

Requisições ao Editor, com o seguinte endereço:

Collegio da Formiga—Ermezinde—PORTO.

Com endereço analogo podem ser adquiridas as seguintes obras, editadas pelo mesmo:

Cathecismo Manual, 60 reis; *Jesus ao coração do sacerdote* (2.^a edição accrescentada), 200 reis; *Suspiros de Santo Agostinho*, 80 reis; *O Padre Nosso*, por Santa Thereza de Jesus, 40 reis; *Reflexões christãs para todos os dias do anno*, pelo P. Nepveu (2 volumes), 1\$200 reis; *T. Libri Historiarum ab urbe condita—Libro qui supersunt*, 600 reis brochado e cartonado 700 reis.